

Enlaces e desenlaces segundo a clínica psicanalítica

14 de Julho: Encontro Internacional da EPFCL

15 e 16 de Julho: Encontro da IF

Medelin – Colombia 2016

Apresentação

Colette Soler

A questão dos laços sociais é de ponta naquilo que Jacques Lacan chamou, em 1970, de « campo lacaniano » como campo do gozo, e hoje em dia a encontramos em toda parte já que esse campo está em toda parte. Os laços que unem o casal, a família ou o mundo do trabalho se tornaram tão precários que a questão sobre o que os desfaz está em todas as bocas. Culpa do capitalismo, diz-se, ou da ciência que o condiciona.

No entanto, é na psicanálise que ela surgiu no início do século passado quando Freud, no momento em que se interrogava sobre a « psicologia das massas », seguindo o fio da fala analisante, não pode deixar de reanimar o antigo par Eros – o deus do laço – e Tânatos – a potência « demoníaca » que dissocia. Assim ele articulava a clínica da intimidade e as questões violentas da sociedade do capitalismo, mostrando, como Lacan o formulou, que « o coletivo não é nada senão o sujeito do individual »¹. Desde então, a psicanálise tem sua palavra a dizer sobre ambos os temas, pois a mesma questão se coloca aos dois: o que é que aproxima os corpos invisivelmente, o suficiente para tê-los sempre levado a fazerem par e sociedade, e o que é a potência que desagrega? Essa potência reconhecida por Freud foi nomeada de gozo por Lacan. Ela constitui o substancial do campo lacaniano que não é apenas aquele do desejo, mas aquele dos « acontecimentos » de gozos de corpo, onde eles se produzem. Ora, o gozo não é enlaçador, ele é sempre de apenas um só, quer seja na repetição, no sintoma ou mesmo... no ato sexual.

Esse tema dos laços sociais nos convida a percorrer tanto o campo do social quanto o do « um por um » e, de início, em função dos instrumentos forjados pela psicanálise para pensar o sujeito do inconsciente.

Temas:

I. Linguagem, discurso, nó borromeano são, daí, os três termos mais importantes.

Através deles, Lacan tentou repensar e reordenar toda a clínica freudiana no que nela faz enlace e desenlace.

1. Freud nos deu as primeiras palavras mestres: pulsão, libido, narcisismo, repetição, pulsão de morte, sem esquecer as identificações correspondentes pelas quais os falantes se socializam. Essas raízes freudianas precisam ser re-exploradas.
2. Lacan as remanejou inicialmente a partir da cadeia da linguagem, o que ele chamou de « agregações docilizantes do Eros do símbolo »^[2] via demanda e desejo. Depois, a partir da estrutura de discurso. Esta ordena lugares distintos que asseguram os laços sociais aos quais falta a ordem sexual que aí não há. Enfim, Lacan lançou mão da amarração borromeana das três consistências próprias ao falante, que são imaginário, simbólico e real, nas quais os nós não vão sem o acontecimento do dizer, para darem conta do que, por sua vez, ele nomeou em relação ao « sujeito real » e seus laços sociais possíveis. Para cada um desses passos, é o conjunto do corpo clínico freudiano que é recolocado no canteiro de obras, atestando que, aqui como acolá, uma teoria é responsável pelos fatos que ela permite estabelecer, os quais, em retorno, a confortam. Demonstração a ser sempre recomeçada.

II. O Laço social em questão

1. Sua definição na psicanálise começa com a psicologia das massas de Freud e prossegue até a estrutura dos discursos de Lacan. Para Freud, em todos os casos, é a libido incluindo o amor e o desejo, e as diversas identificações que ela determina – que assegura os laços. Mas há vários tipos de laços, e a ordem que eles estabelecem entre os indivíduos, é sempre uma ordem dos gozos porque « apenas há discurso [...] do gozo »^[3]. Donde a incidência política: sem a regulação dos gozos que asseguram os discursos, não há sociedade possível, e toda a questão é de saber como essa regulação se instaura em cada indivíduo. É sobre esse ponto que o capitalismo apresenta seu desafio.
2. Sem falar da miséria que ele engendra, já não há dúvida de que ele degrada os laços sociais estabelecidos, gerando solidão e precariedade, pois, doravante, o indivíduo é o último resíduo dessa degradação. Isso sabemos, mas falta ainda dizer como, através de qual astúcia, e quais são os limites possíveis de suas devastações? Eros seria um recurso?

III. Clínica dos parceiros.

A questão diz respeito aos parceiros no amor, na psicanálise e fora dela.

1. Querer-se-ia que de dois o amor faça um, mas os amores humanos já têm um destino traçado, uma experiência ancestral o atesta, ele vai do arrebatamento ao desespero ou ao desencantamento. Lacan marcou suas fronteiras pela distância das duas fórmulas « tu és minha mulher », em 1953, e « matar »^[4] minha mulher, em 1973. Tratar-se-ia de mostrar o que aí opera, no particular de cada caso, para romper tanto o diálogo esperado quanto o encontro dos corpos. Está aí o problema do real em jogo no amor, com a questão de saber o que acontece com ele depois da análise.

2. E, ainda: há a transferência analítica que introduz um novo no amor, uma subversão^[1], que certamente « faz promessa »^[2], mas qual? As peripécias dos amores de transferência descobertas por Freud jamais perdem sua atualidade, elas se espalham entre eternização, rupturas e reiteração. Que solução para elas? As fórmulas abundam: liquidação, falha percebida, queda; mas é esse o fim da transferência no próprio final da análise? Também aí podem instruir somente os casos particulares.

Colette Soler, nestes 22 de dezembro de 2014.
Tradução: Sonia Alberti

[1] Lacan, J. (1945/1998). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada.

In : *Escritos*. Rio de Janeiro, J.Zahar. P. 213, n. 6.

[2] Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem. In : *Escritos*. Rio de Janeiro, J.Zahar. P. 321.

[3] *L'envers de la psychanalyse*, seuil, Paris, 1991, p. 90

[4] Em francês, um jogo de palavras: *tu es ma femme* e *tuer ma femme*, respectivamente.

[5] « Introduction à l'édition allemande des *Ecrits* », *Autres écrits*, Seuil, Paris, 2001, p. 557

[6] *Télévision*, Seuil, Paris, 1973, p. 49

Entre *Bindung* e *Entbindung*: o fio do discurso

Sonia Alberti

Prelúdio

É nos primeiros Seminários de Lacan que incide a maior frequência do uso dos termos “enlaces e desenlaces”, se nos fiamos na tradução que se impôs quando nos decidimos por este título para o próximo Encontro Internacional da IF-EPFCL, em Medellín. *Liaisons et déliaisons*. Dessas inúmeras incidências, inicio com aquelas em que Lacan define os termos, com o Freud de *Mais além do princípio do prazer* e de *Inibição, sintoma e angústia*, identificando-os à *Bindung*, ou seja, a fusão das pulsões, e à *Entbindung*, des fusão das mesmas pulsões (explicitamente nos Seminários *As formações do inconsciente* e *A transferência*). Tal referência, nos leva

diretamente para o campo pulsional, um dos quatro pontos cardeais da teoria e da clínica, como Lacan viria a sustentar em seu seminário sobre *Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

O aparelho que Lacan propõe nesse Seminário como prototípico para a pulsão, dínamo de fazer cócegas no ventre de uma bela mulher, me foi lembrado quando, tendo tido o privilégio de visitar a exposição no Grand Palais em Paris em janeiro de 2015, o identifiquei com a obra “O fio do discurso” de Nicki Saint Phale, um dínamo muito semelhante ao “de fazer cócegas”, permitindo-me articular o cerne da questão que visio neste momento: a passagem do que se leu em Freud como dizendo respeito ao campo energético para o que propõe Lacan como o campo do discurso.

A articulação da teoria pulsional no contexto do Seminário sobre a *Ética da psicanálise* a implica numa historicidade, ou seja, na articulação significativa, no que é possível memorizar, em função da força constante determinante para Freud conceituar a pulsão, rememorar conforme os enlaces [*liaisons*] significantes, mas a partir de *ex nihilo* que, justamente, não diz respeito aos enlaces, não diz respeito ao saber, não diz respeito ao que é possível memorizar.

Na contramão de uma visada útil – que se organiza no certo momento histórico (frase de Lacan) em que Freud pode propor a psicanálise –, na contramão do discurso do capitalista, e na contramão de todo domínio do sentido que é a forma extrema dos enlaces – mortais –, Lacan viria a propor a ética da psicanálise articulada à pulsão de destruição enquanto esta visa colocar em questão tudo o que existe, articulando a pulsão de destruição à criação a partir do nada. A psicanálise, propriamente dita, já não tem nenhuma fórmula *a priori* que permita orientar-nos numa via do Bem, diria ainda Lacan em seu Seminário *Os não-tolos erram*, porque não há mais essa via.

Não que a psicanálise não pode ter resvalado no discurso capitalista, como o denunciava Zinberg quando procurava analisar os desvios dos psicanalistas norte-americanos no início da década de 1960... e que sempre novamente espreitam, internamente, inclusive, ali onde por exemplo a interpretação do sintoma pode levar ao fim da psicanálise (cf. *A Terceira*).

Donde a importância de seu retorno a Freud, que levou Lacan a observar, por exemplo, que mesmo suspeita, a noção de pulsão de morte em Freud foi fundamental para indicar, naquele mesmo certo momento da história, que há um ponto radicalmente problemático, intransponível (cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 7: A Ética da psicanálise*). É a partir dele que, *ex nihilo*, os enlaces podem se fazer...

A questão clínica que provoca as demandas em análise concerne os desenlaces quando o eu retira os investimentos dos significantes – em função disso, recalçados –, provocando desprazer. Se Freud foi o primeiro a constatar-lo, Lacan o retoma em seu Seminário sobre a *Angústia*. Mas isso não deve engendrar mal-dizê-los! São os desenlaces que permitem a criação na eterna dialética provocada pela repetição, com os enlaces possíveis a partir do campo da fala e da linguagem e são eles que permitem o campo clínico.

Para terminar, é crucial observar que não é à toa que Lacan privilegia, em muitos de seus Seminários, o emprego do termo *liaison* no contexto da relação com a mãe: enlace primordial, que leva o infans à sua *lalangue*, cuja utilidade é apenas de gozo – efeito enlaçado pelos discursos que, na melhor das hipóteses, visam o desenlace de um termo, perda para o sujeito, esse que sofre as consequências. É a partir dessas últimas que o psicanalista pode fazer valer seu ato colocando o sujeito no lugar do outro, ao qual se dirige, na contramão, como dizia, de todo discurso que o foraclui. Não há clínica psicanalítica fora disso.

Em *O momento de concluir*, finalmente, Lacan retoma a importância do corte para a dissociação do enlace, visada sempre retomada ao longo de todo seu ensino para fazer valer a castração como fundamento da direção dada por Freud desde os primórdios de sua descoberta. Eis o que testemunha a importância do lançamento desse título para nosso próximo Encontro: não há psicanálise senão na sustentação do binário enlaces e desenlaces, binário que se arrola entre aqueles que puderam ser estudados durante o Seminário *R.S.I.*, no ano de 1975.

Sonia Alberti

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Mario Binasco

Prelúdio

J.Lacan, em 1967, escreveu esta frase bastante enigmática que sempre me abalou: “Quando a psicanálise houver deposto rendido as armas diante dos impasses crescentes de nossa civilização (mal-estar que Freud pressentia) é que serão retomadas – por quem? – as indicações de meus *Escritos*. ”

Enigmática e surpreendente porque se exprime no indicativo (apesar de estar no futuro do subjuntivo) e não na eventualidade hipotética do subjuntivo; então afirma a existência de impasses e, além disso, crescentes, na civilização, capazes de depor as armas à psicanálise (lembro-me aqui que Lacan chamou sua Escola de “uma base de operações sobre o mal-estar da civilização”); e, ainda porque Lacan, paradoxalmente, parece dizer que somente após essa rendição “quem?” – isto é um sujeito por vir, ainda não determinado e, de qualquer modo, não qualificado como um analista – poderá “retomar” as indicações de seus *Escritos*.

Dado que a análise opera por meio de um laço, os impasses que podem levá-la a se render devem impedir este laço de operar. Alguém já viu análises em um campo de concentração, ou em uma situação semelhante? Eis um testemunho interessante, se houvesse.

A experiência da análise, a cura analítica, se estabelece a partir de um laço especial, duplo, um laço de laço: um primeiro laço, a transferência, e um segundo, o ato do analista como torção ou corte: dupla operação de laço ou laço que comporta mais momentos.

Oferta, demanda: este laço surge de um mercado de “relações”, vale dizer, do laços humanos de fala e linguagem: pode-se também dizer que este laço cria um mercado, o faz surgir, institui um mercado ao mesmo tempo que um laço.

Há condições para se instituir este mercado? E qual a relação isso tem com o mercado mais amplo que é agora a instituição globalizada em que circulam (ligam-se?) os humanos? E quais relações com o político, reduzido atualmente a um advérbio, o “politicamente” correto? Outra frase para mim enigmática de Lacan parecia um presságio, “um ensaio digno de Lamennais sobre a indiferença em matéria de política” : Eu não poderia dizer se Lacan espera, neste texto, esse tipo de indiferença, mas creio

que, de qualquer modo, isso seria possível apenas na medida em que a política continua a ser, por sua vez, indiferente à psicanálise: mal essa começa a se interessar por ela, as condições para a indiferença se mantêm ainda?

Freud se sentiu compelido a escrever *A Questão da Análise Leiga* em 1926 a partir de um ativismo normativo do estado austríaco republicano sobre a autorização para exercer a psicanálise: e, neste ensaio, ele reafirma o caráter *sui generis* e *sui iuris* da própria psicanálise e de sua formação, no confronto com outros discursos (o médico, o religioso,...), esperando que ela pudesse viver no espaço social do que é permitido, e, portanto, nem vetado nem obrigatório.

Sabemos que, na América, os analistas não seguiram o seu conselho; e que a Alemanha, no decurso de uma rápida nazificação, conheceu a primeira tentativa por parte de um Estado para assumir a psicanálise “traduzindo-a” e dissolvendo-a em um conjunto de psicoterapias: vide a história, instrutiva e interessante para a sua atualidade, do Instituto Goering de psicoterapeutas alemães. Para silenciar os analistas (judeus, mas não só eles) surpresos pela iniciativa ideológica-administrativa do Estado totalitário.

Eu mesmo, aliás, nos países da Europa Oriental, tive a oportunidade de conhecer de perto os efeitos da esterilização (ressecamento) da psicanálise – exercício, formação, transmissão – produtos do contexto ideológico-burocrático-econômico desses países. Nestes três casos, o impedimento para a psicanálise derivava de diferentes tipos de negação e limitação da liberdade nas formas sociais sobre as quais deve necessariamente se apoiar para existir como prática: a proibição da profissão livre, ou o seu excesso de regulamentação segundo critérios que não são de autonomia, ou a negação da liberdade econômica ou de associação, que são todas essas condições que trazem fortes handcaps.

Parece-me incontestável que a psicanálise necessite em todos os casos de uma condição de liberdade: a liberdade ao ponto de instaurar este laço especial, este laço ou nó entre a oferta-demanda e demanda-oferta, o que – tratando-se de um espaço social – deve levar em conta as condições que são ao mesmo tempo externas (coletivo) e internas (subjetivo): sabemos bem que são o mesmo (ou pelo menos que estão relacionados), eu só quero sublinhar que o espaço de autonomia, *sui iuris*, que permite o estabelecimento de discurso analítico deve ser estabelecida e conquistada de “dentro”, até mesmo antes e prioritariamente que pelo “externo”. De fato, a regulação estatal não é apenas

econômica, mas também ideológico e diria até mesmo mental. Abrir com o próprio ato o espaço do discurso analítico implica, portanto, também uma operação sobre a mentalidade.

Hoje, podemos notar melhor que esta regulação pertence a todos os estados e ao caráter totalitário que agora assumiu a administração burocrática, mesmo em Estados que dizem querer exportar a liberdade. É propriamente esta regulação que se insinua na economia do sujeito e de seus laços como um campo de oferta-demanda que o Estado não quer deixar à iniciativa e à responsabilidade do sujeito: à sua liberdade de iniciativa – essencial na oferta / demanda psicanalítica – sem a qual não se vê como poderíamos até mesmo falar sobre o ato analítico ou sobre a experiência analítica: iniciativa de relação ou de laço – do discurso, portanto – independentemente da forma econômica que essa possa tomar, que todavia, não pode ser qualquer que seja, sem estrutura.

Como se verifica hoje, a entrada do Estado neste campo? Tramita normas econômicas e, sobretudo deontologias que penalizam de partida esta iniciativa. Nas últimas décadas, isso aconteceu atacando a relação problemática entre psicanálise e terapia, regulamentando a psicoterapia e a sua formação através de associações profissionais. Na Itália, hoje, o resultado é o seguinte: em termos de formação, na medida em que esta se baseia em escolas de psicoterapia, e a jurisprudência recente assimilou psicanálise à psicoterapia, segue-se que as condições institucionais e administrativas da formação de numerosos analistas estão nas mãos de não-analistas, dirigentes das associações de psicólogos. E no tocante à supervisão individual daqueles que praticam a análise, permitimos que se estabelecesse na Itália um código deontológico genérico e ideológico, que não permite discernir as situações efetivas de suas eventuais transgressões, prestando-se bem para as interpretações mais arbitrárias por parte de qualquer burocracia judicial- administrativa. Burocracia de não-analistas sensíveis às sirenes do poder de julgar e às ocasiões de suspender alguém da prática; burocracia que provavelmente consideraria inaceitáveis “eticamente” a maioria das invenções “técnicas” de Lacan – uma vez que tivesse decidido inquerir e perseguir alguns analistas. O fato é que o ato psicanalítico não pode fazer pouco do sujeito posto em causa de sua causa, ao passo que cada administração (discurso universitário), contaminada pelo discurso capitalista (segundo a proposta de Marc Strauss), colabora para a sua supressão.

Neste quadro, o psicanalista é desde o início culpado. Isto pode ajudá-lo a retomar clinicamente como questão capital de nosso tempo a questão do sentimento inconsciente de culpa, da culpa inconsciente, do “desejo de punição” freudiano. Especialmente em uma sociedade ou civilização que aboliu de fato a “rastreadibilidade” subjetiva de culpa e de responsabilidade e que constrói a sua administração e suas leis em torno de uma concepção de direitos que procede do axioma de que o real é, enquanto tal, injusto (quer se trate do corpo, do sexo, do Outro, etc.) e que faz então dos “novos” direitos uma espécie de indenização consolatória delirante, uma verdadeira e própria “terapia reparativa” da condição de injustiça fundamental que é a divisão do sujeito, e ainda mais o seu estatuto real ou a sua relação com o real. Uma refutação social / simbólica de cada destituição subjetiva que pode chegar até a negação de tudo aquilo a que o sujeito é reduzido na contaminação dos outros discursos pelo discurso capitalista.

Lembro-me ainda de ter ouvido, há 15 anos, o diretor de uma associação mundial de psicanálise lamentar-se de que não o seguiram o suficiente em suas sugestões para tomar partido a favor do reconhecimento social das uniões homossexuais, o que segundo ele fundamentava-se na doutrina analítica: de fato, ele disse, a prática também nos mostra laços autênticos entre esses sujeitos. Então os psicanalistas devem autorizar-se a fornecer ao Estado certificados de autenticidade dos laços amorosos e afetivos? Após haver reivindicado o escopo crítico e subversivo da análise e depois de décadas passadas a criticar os analistas americanos por sua insistência em idealizar o amor autêntico?

Aqui o problema não são essas uniões, o que não considera o analista como tal e que são apenas moda e onda escolhida do poder que norteiam a dança da globalização antropológica capitalista: o problema está na agressiva, feroz, totalitária política de supressão do sujeito que se acompanha a essa onda, na exigência de calar cada perplexidade e até mesmo toda a complexidade e divisão, no interdito cultural social e científico de ter em conta qualquer fenômeno real que se desvie ou também que traga a distração da propaganda (notar a total impotência para lidar com a questão colocada pelo Estado islâmico, que também parece estar em contradição com o discurso de direito).

Como podemos pensar que este tipo de política que se infiltra e contamina toda a administração de todas as áreas de nossas vidas, seja compatível com a prática de um laço social que cria e protege a regra de dizer qualquer coisa?

Mesmo os analistas americanos acreditavam fazer bem para a psicanálise ignorando a recomendação de Freud no texto *A Questão da Análise Leiga* para não deixar a análise nas mãos dos médicos, e seguindo o que lhes parecia a maneira mais (bem) sensata, aquela calcada no bom senso do caráter da sociedade americana, que parecia proporcionar mais comodidade e desenvolvimento para a psicanálise. E, em 1967, Lacan declara seu fracasso em “desbloquear o aprisionamento do pensamento analítico” ...

Um discurso, então, que se propusesse a reabilitar o sujeito via castração – como o discurso analítico – vai em contrapartida a toda refutação supressiva do sujeito que ocorre nas diferentes formas que derivam da contaminação dos discursos pelo discurso capitalista; como impedir os anticorpos da civilização que se opõem à proposta de um laço que permite dizer bem e levar em conta a castração?

Uma recusa como essa não deve dar lugar a qualquer retorno que seja mal-dizer no campo do real? O real da clínica, quero dizer: por pouco que os sujeitos se prestem a esta rejeição do inconsciente que lhes vêm proposta ou imposta, acabam assistindo seus retornos maníacos – que já estão previstos e inscritos nas características da mentalidade consumista, maníaca, precisamente – “retorna” (a ser avaliada clinicamente), no lugar da melancolia ou da depressão. Correspondentes, estes, àquilo a que o sujeito se sente socialmente reduzido, a um resto não reciclável, a uma ossada (carcaça), como sugerido por Marc Strauss: a carcaça que, então, merece a tortura a que possa estar sujeita, e que merece ser “beneficiada” ou eliminado da natureza da qual ele é o fator poluente, como em um ecologismo extremo. Coisa delicada, porque a singularidade do sujeito em torno do qual opera a análise é essa mesma, no fundo, não reciclável.

A mídia e a burocracia judicial não fazer outra coisa que acusar o sujeito em todos os níveis: acusá-lo de existir, de pensar, de desejar, de ter um inconsciente, de ter uma posição que não se reduz ao valor instrumental ao qual se reduz o discurso corrente. Se para Freud – Lacan disse – era “um fato de caridade incrível” atribuir para cada um um inconsciente, pode um analista proceder de maneira diferente? Como poderia revelar um des-abonamento eventual ao inconsciente, quando o encontra?

E por mais que o discurso dominante proponha à mentalidade do seu politicamente correto como um modelo de covardia generalizada, mais uma vez não devemos talvez esperar o contragolpe, na identificação de culpados na realidade atual que te fazem ceder de seu desejo? (Portanto, neuroses que poderiam ser atuais e de defesa, para retomar uma velha distinção de Freud, proposta novamente por Sidi Askofaré em Milão?). Mesmo aqui, não é inútil recordar que a noção de politicamente correto remonta ao período entre as duas guerras; e que o primeiro decreto de Hitler chanceler do Reich estabeleceu métodos “humanitários” para cozinhar lagosta. Somos nós, os seres humanos, que somos pregados ao nosso ser de carniça, à nossa maldade.

A psicanálise oferece a isso um modo bem diverso de “reciclagem”, mas que deve ter cuidado desde o início quanto ao sentimento de culpa inconsciente correlativo à produção capitalista da falta a gozar: e o impossível do sujeito negado retorna em um sentimento de culpa a priori que está bem longe de ser mesmo reconhecido como tal. Somos culpados se não concordamos com o discurso dos outros e, se estamos de acordo, então este discurso nos faz culpado: convergência do super-eu de Freud com aquele de Lacan. As características de ambos pode ser reconhecido, me parece, no politicamente correto, uma vez que participa da versão atual do supereu na civilização.

Mario Binasco abril 2015.

Tradução Ana Paula Ganesi, Revisão Ana Paula Pires

Proletários do Mundo

Dominique Fingermann Prelúdio

“Proletários do mundo, uni-vos”, desejava um certo discurso, num tempo antigo, que de fato foi o nosso, e do qual Lacan dizia: “eles querem um *maître* [*mestre*]” (*m’être*).

Os proletários de nosso tempo desencantaram e não entoam mais em coro o poema de Paul Fort: “Se todos os homens do mundo quisessem se dar as mãos...”.^[1]

Eles correm para cá e para lá, se cruzam, se ultrapassam, giram uns ao redor dos outros, dão três voltinhas e depois vão embora. Isso lembra a surpreendente peça silenciosa de Peter Handke, “*A hora em que não sabíamos nada um do outro*”,^[2] no decorrer da qual, sem dizer uma palavra sequer, durante menos de uma hora de idas e vindas, mais de 300 “indivíduos” atravessam um praça, perambulam, acotovelam-se, tropeçam uns nos outros, se cruzam e cruzam de novo, sem nunca se encontrar.

Poderíamos clamar: “Esses contemporâneos são uns loucos!”, mais eis que também todos nós estamos bem enredados nesse turbilhão, os canalhas, os débeis e os “bem-pensantes”, e até mesmo aqueles que, advertidos da “não relação”, sustentam ainda assim seus pequenos mais-de-gozar up to date para cuidar de seus negócios próprios.

Mais visível na cena contemporânea do que na peça de Handke, cada um bolina seus pequenos objetos, crente de que eles estão “no bolso”, sem se dar conta de que este está furado como um tonel das Danaides, posto que, esmagados pelo caça-níquel do mercado, eles sempre são datados. E, portanto, embora o Discurso Capitalista não faça laço, nem por isso está fora-discurso, como a psicose.

Mas... a psicanálise.

A psicanálise, se ela ainda não tem primazia sobre o mercado, não baixou os braços, no entanto, pelo menos nesse outro campo, o campo lacaniano, pelo fato de que Lacan o nomeou, desde a ética da psicanálise, como aquele que não ignora o gozo.

Então, a psicanálise persiste e assina, a despeito daqueles que cantam desde sempre sua derrota, e propõe um parceiro ímpar que tem a chance de responder àquilo que, por estrutura, não faz laço.

Sim, a psicanálise está de prontidão para certos proletários, que não estão menos sujeitos à angústia sem remédio, e que, graças a certas circunstâncias e contingências, encontram um psicanalista.

O que se passa, então?

Laços e desenlaces na clínica analítica? Elementar, meu caro! Freud explicou bem isso: Eros e Tânatos!

Eros, do Princípio de Prazer ao desejo e ao amor de transferência, engana a morte.

Tânatos fica sempre atravessado pelos caminhos e pelos amanhãs que cantam.

Os proletários do Discurso do Capitalista que, por coragem ou por desespero de causa, topam o risco de chegar até a psicanálise, não se contentam com essa simples bipolaridade, que a ciência, inclusive, promete curar muito bem.

Pois, de fato, a questão do que faz laço e desenlace na clínica psicanalítica convoca nossa interrogação, e é bem menos simples do que parece à primeira vista. Por isso ela merecerá toda nossa atenção na ocasião do Encontro Internacional da IF-EPFCL de julho de 2016, em Medellín. Nós teremos seguramente a oportunidade de nos ouvir desdobrar as particularidades dos laços (de fala, demanda, desejo) que a experiência de uma análise trata bem singularmente, as suas relações com os desenlaces salutares que ela permite, assim como os novos enodamentos que ela pode eventualmente proporcionar.

A ética da psicanálise, que dirige e orienta a clínica que dela procede, esbarra contra os efeitos do discurso contemporâneo, porém barra o mal -estar específico dessa civilização quando sustenta a subversão do sujeito barrado e eleva sua causa à dignidade de semblante, agente de um novo discurso, na medida em que ele preserva “o efeito revolucionário” do sintoma.^[3]

Desde os primeiros ditos das entrevistas preliminares, que declinam rateios, devastações, solidões, tédios e outros declínios do sentido da vida, denota-se esse ponto de singularidade fora de série, um ponto de emergência de um Dizer qui ex-siste, algo que se excetua dos ditos, embora os fomenta. É nesse ponto de desenlace radical, que se destaca como um ponto de urgência, que responde “de analista”. Algo como uma

função “analista”, um silêncio, uma presença que o conjunto vazio [ø] poderia escrever, engaja esse estranho diálogo. Aqui, portanto, nesses pontos de emergência e urgência, os sintomas de suas vidas ordinárias, tornam-se analisáveis pela graça do laço da transferência, e se constituem como sintomas analíticos.

“A intervenção sobre a transferência” poderá, então, produzir a báscula do sintoma do pior ao dizer (*du pire au dire*). Essa intervenção funciona fundamentalmente como “dizer que não”^[4] que atualiza ao mesmo tempo o “não há relação” e o “Há Um” (Ya d’l’Un) e acaba por desatar o que Soler^[5] chama de “falso laço” da transferência.

“Um analista verdadeiro não pretenderia outra coisa senão fazer esse dizer ocupar o lugar do real, até se provar outro melhor.”^[6] É assim que, por chance, o Dizer da interpretação pode fazer “laço” com o Um-Dizer analisante. É pela via desse estranho diálogo que no final das voltas e reviravoltas dos ditos (*des tours dits*), o sintoma como nó pode se reconhecer e se fazer conhecer como “impudência do dizer”.

“(…) a partir do dizer ‘há Um’, eu ia aos termos que seu uso demonstra, para deles fazer psicanálise”^[7] dizia Lacan. Esperamos mesmo para nosso mundo que, por muito tempo ainda, possamos fazer bom uso disso no transcorrer dos laços por vir.

Dominique Fingermann 6 Julho 2015

^[1] Paul Fort cantado pelos Compagnons de la Chanson, em 1957. Cf. link <https://www.youtube.com/watch?v=wGwHnFUDmww>.

^[2] Peter Handke (1992). *L’Heure où nous ne savions rien l’un de l’autre*. Paris : L’Arche, 1992.

^[3] Jacques Lacan (1969). “Relatório do Seminário XV - O ato analítico” In: *Outros escritos*, op. cit., p. 378

^[4] Jacques Lacan (1972). “O aturdido” In : *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 453.

^[5] Colette Soler (2012). *Qu’est ce qui fait lien?*. Paris : Éditions du Champ Lacanien, 2012.

^[6] Jacques Lacan (1972). “O aturdido”, op. cit., p. 477.

^[7] Jacques Lacan (1972). “Relatório do seminário ...ou pior (1971-1972) » In: *Outros escritos*, op. cit., p. 546.

O que é que desfaz os laços?

Diego Mautino Prelúdio

1. Preliminar

O Próximo Encontro nos convoca a partir do título “Laços e desenlaces segundo a clínica psicanalítica”.^[1] Em italiano, propusemos “*Legami e slegature...*” para expressar o interesse destes dois termos, que abrem para o que está enlaçado ou não das três dimensões R, S e I. Isso permite introduzir, ao mesmo tempo, no Campo lacaniano, quer a problemática do enodar e do desenodar-se borromeano, quer a problemática dos laços humanos. Se tivéssemos eleito como título “enodamentos e desenodamentos”, poderia ter sido muito limitador no que diz respeito ao nó borromeano, com o risco de fazermos esquecer os nós do amor. “Enlaces” designa prioritariamente os vínculos de amor, mas também conserva um sentido mais geral; traduzimos “desenlaces” por *slegature*, pouco usado, mas bem compreensível, e tem a vantagem de ser uma palavra que já existe em italiano, diferente, por exemplo, de *slegàmi*, que não existe. Além disso, o uso pouco frequente deixa aberto o que se trata de enlaçar ou desenlaçar, permitindo incluir o enodar e desenodar nós, ou os laços sociais. Se tivéssemos escolhido “Enlaces e desenlaces na clínica psicanalítica”, nos teríamos limitado ao tema dos dramas e do desenlace [*dénouement*] da transferência nas análises; “segundo a clínica psicanalítica”, entretanto, amplia o tema, permitindo considerar não apenas o que se passa no interior das curas analíticas.

A experiência da psicanálise procede do mal-estar na cultura e a épica dramática de nosso tempo confirma isso de modo contundente. Evoco somente desenlaces, conclusões, rupturas, o desfazer-se em soma dos laços, experimentado no trabalho, a família, as relações amorosas, a falta de estabilidade generalizada das agregações sociais, as relações efêmeras, a solidão, a precariedade e a inermidade diante de uma violência generalizada... Interrogar o que é que desfaz os laços pressupõe uma hipótese preliminar sobre o que, em contrapartida, enoda, enlaça, faz vínculos. Como nos lembra Colette Soler na *Apresentação*,^[2] o tema do fazer-se e desfazer-se dos vínculos sociais surgiu na psicanálise desde o início, quando Freud, seguindo a palavra dos analisantes

que o consultavam, reanimou o antigo par *Eros*, deus da união, e *Tânatos*, potência “demoníaca” que dissocia.

Lacan repensa e relança a experiência freudiana em termos de linguagem, discurso e nós, com os quais reordena o fazer-se e desfazer-se dos laços. Primeiro, ordena as “agregações do *Eros*” a partir da cadeia da linguagem, mediante demanda e desejo. Depois, escreve a estrutura do discurso, estabelecendo quatro diferentes laços sociais. Por fim, recorre ao nó borromeano para tratar o “sujeito real” no ato do dizer.

2. O sintoma: não há dois sem três

Freud encontra no sintoma a função de uma satisfação substitutiva, assumida ou rechaçada, que Lacan condensa na fórmula “não há relação sexual”; nós dizemos suplência produzida pela falta de relação. Ali onde o significante que inscreveria o gozo entre os corpos falantes falta, algo – uma frase, uma cena, um traço – fixado por uma contingência forja as condições de gozo. A verdade, como causa reprimida do sintoma, é solidária com a hipótese do inconsciente linguagem; ela fala com os significantes articulados na cadeia do dizer, mas não se confunde com os ditos, estando reprimida, tem que ser produzido com os ditos. Essa causa implica também algo que vem do real do trauma e objeta o nó de gozo com um semelhante – Lacan escreve: “há Um” [*Y a d’l’Un*], precisando que isso não faz laço.

Ao mesmo tempo em que restitui o dizer de Freud com a fórmula “não há relação sexual”, Lacan nota que o ser falante tem, por outro lado, uma relação com o próprio corpo, do tipo da adoração. A primeira fórmula [“não há relação sexual”] sublinha aquilo que falta para escrever uma relação entre os sexos, escreve, então, “a maldição sobre o sexo”;^[3] a segunda, “há Um” [*Y a d’l’Un*], diferentemente da negatividade da primeira, parece, em contrapartida, uma positividade real – ainda que não prazerosa, porque não representa o sujeito, já que se inscreve no campo do gozo. “Há Um” é o que se repete como “encontro falho”. Isso leva Lacan até a afirmar, em *Televisão*, que a repetição é... a felicidade do sujeito. “Todo encontro é bom para se repetir”^[4] porque, em todo caso, isso perdura como Um só. O que se repete finalmente no encontro falho é... a não relação com o Outro.

Quais são essas coisas das quais a psicanálise se ocupa e às quais o real se põe atravessado e não deixa nunca de se repetir? São as coisas do amor, aquelas dos laços entre homens e mulheres e, o que se põe atravessado para impedir que as coisas procedam, o que é senão o real definido pela impossibilidade de escrever a relação? A fórmula “não há relação sexual” é signo do real da não relação, uma modalidade de

gozo particular fixada pelo trauma. Gozo Um que provém da não relação. O Uno do gozo que se inscreve nas análises demonstra o impossível de escrever da não relação, é o sentido da não relação. Ou seja, “que no ciframento está o gozo, sexual decerto, [...] isso é que que é obstáculo à relação sexual estabelecida, e portanto, a que algum dia se possa escrever [...]”[5].

III. O *sinthoma*: de três a quatro.

Que o sentido do sintoma seja o real, na medida em que se põe atravessado, pode permitir enodar uma função do sintoma que não estava na definição do sintoma como metáfora. Não se pode dizer o verdadeiro do real e, não obstante, o sintoma revela o real, é signo do real da não relação, mostra uma modalidade de gozo particular, fixada pelo trauma. Este Um do gozo do sintoma toma o sentido da não relação, é uma suplência à falta de gozo que inscreveria a relação sexual.

Como entender o que Lacan diz quando diz que “a missão do analista é ir contra o real”[6]? Isso quer dizer opor-se ao impossível do vínculo social, fazer oposição, então, ao sintoma de proletário ao qual o reduz o discurso capitalista ao deixá-lo sem meios para fazer laço? Como pode responder o psicanalista para fazer valer o laço estabelecido por seu discurso? O analista pode intervir com a oferta de uma interpretação que não se contente com a verdade e que leve em conta o real, condição para fazer virar da impotência ao impossível.^[2]

No início da análise, o ato de *um-dizer* pode opor-se ao que vem do real no desfazer-se dos laços, e no fim? Lacan mostra que o fim de análise é a inscrição de um furo no qual o sujeito possa tomar parte como objeto *a*. Um furo que faz nó com a co-incidência de três furos (R,S,I). A partir do seminário *RSI* [1974-1975], mostrará outro nó: um nó de quatro – no qual o quarto elemento [*sinthoma*] adquire função de suplência. O que é que pode manter juntas as três consistências transportadas pela palavra... um quarto? O enodar-se e desenodar-se dos laços humanos, poderemos, então, dizer: não há 3 sem 4?

Diego Mautino Roma, 25 de julho de 2015

Tradução: Cícero Oliveira e Dominique Fingermann

[1] Proposta de título em português, como surgiu em Paris, julho de 2014.

^[2] Colette Soler, Apresentação do Tema do IX Encontro da IF-EPFCL, 22 de dezembro de 2014.

[3] LACAN, J. (1973). “Televisão” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 530. A maldição do inconsciente é o impossível da relação, e, em duas palavras *maldição* evoca também o dizer-mau; além do mais, em

francês *malédiction* y *mâlediction* com o acento circunflexo sobre o “a”, *mâle*, significa macho, e lembra o que Freud indicava como uma libido única, de natureza masculina.

[4] Lacan, J. (1973). “Televisão” In: *Outros escritos*, op. cit., p. 525. “Nisso tudo, onde está o que traz felicidade, feliz acaso? Exatamente em toda parte. O sujeito é feliz. Esta é até sua definição, já que ele só pode dever tudo ao acaso, à fortuna, em outras palavras, e que todo acaso lhe é bom para aquilo que o sustenta, ou seja, para que ele se repita”. “Felicidade” é a tradução do termo francês *bonheur*. Ao escrevê-lo *bon heur*, Lacan enfatiza a vertente de boa fortuna, de sorte presente no termo *heur*, também homônimo de *heure* (hora) e *heurt* (topada).

[5] LACAN, J. (1973). “Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 553.

[6] LACAN J. (1976). “La Tercera”, Discurso de Roma 31/10/74 In: *Intervenciones y textos 2*, Manantial, Buenos Aires, 1988, p. 87.

[7] LACAN, J. (1970). “Radiofonia” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 446. “É somente ao acuar o impossível em seu último reduto que a impotência adquire o poder de fazer o paciente transforma-se em agente”.

Na textura do tempo

Ana Canedo Prelúdio

“Dizer tem a ver com o tempo. A ausência de tempo, é algo que se sonha, é o que se chama eternidade, e esse sonho consiste em imaginar que alguém acorda”(Lacan 15/11/77)

Levando em conta os avanços da tecnologia, poderia parecer que a fragilidade dos laços humanos estaria afetada pela problemática do tempo. O imediatismo das ofertas do mercado oferece com rapidez imagens sem substância projetadas onde se queira, com a proposta *dotodos iguais* em seu gozo e ao mesmo tempo. A distinção entre o corpo singular e a imagem se desconstrói na tela da chamada vídeo-realidade. Em sentido contrário à ética dos discursos, que ordena e limita a relação entre os sujeitos, os efeitos do imediatismo das ofertas se traduzem em uma banalização do tempo, onde sobrevém um objeto a mais a se ter ou se controlar. No lugar da falta – chave do desejo- a profusão dos objetos mais de gozar deixa o sujeito na insatisfação, na posse de um saber generalizável onde abundaria o que se veio a denominar a *transparência do evidente*. Tal qual a vigilância por um só olhar que tudo vê como no panótipo analisado por Michel Foucault nos anos 1970, estaria agora presente a suposição de um olhar pluridimensional e fragmentado da realidade.

Na tentativa vã de suprimir o registro do incognoscível- algo sempre fica na sombra- se tentaria ignorar a *negatividade criativa* onde se ordenam as relações com o outro em cada discurso. Na medida em que o homem é incompleto, existe um furo no ser que nunca pode ser preenchido, e isso não deixa de estar vinculado com a relação do sujeito com o tempo: quando dizemos não ao que nos é dado agora, para aspirar ao que não nos é dado ainda.

Voltemos a encontrar as consequências da degradação da vida amorosa em sua relação com o tempo, que apanham o neurótico no demasiado cedo ou no demasiado tarde assinalado por Freud, à espera de uma falsa porta que permitiria escapar do temido tédio. Depois da oferta de alcançar um gozo completo que conduziria ao amor, temos a

solidão da prisão narcisista a qual se acrescenta a passividade subjetiva e a pobreza libidinal do laço com os objetos.

Porém a psicanálise comprova que os paradoxos do amor e do desejo não deixaram de interrogar os seres humanos desde os inícios da cultura. Se o encontro dos amantes é da ordem do imprevisível, como o olhar de Beatriz que capturou Dante, que é o que faz com que o parceiro seja esse e não outro, contrariando a imagem ideal que se supunha desejar. As elucubrações da razão não conseguem explicar as condições de amor, *liebsbedingung* freudiana, traço particular no inconsciente que orienta a escolha e nem tampouco o brilho agalmático que investe a libido sexual sobre o objeto, sempre parcial no ensino de Lacan.

O amor se une ao desejo tentando agarrar o instante da sedução com o outro ser humano, como demanda de presença como chamariz de união e reciprocidade. O amor pede amor reeditando cenários cuja caducidade não diminui, mas acentua seu atrativo, como dizia Freud ao se referir ao “o transitório”.

É então a dimensão da falta o que põe asas nas palavras tecendo novo sentido na borda do furo da castração: a insuficiência da linguagem para abordar o real, a impossibilidade do dom do objeto que cava a inexistência do Outro, o luto do precívél que causa nosso desejo, marcado de entrada pela morte.

Observamos que os fracassos na vida amorosa acentuam a dor de existir em algumas mulheres que nos consultam sobrecarregadas com a profusão de um saber pré-estabelecido onde tudo se tenta analisar na superfície dos feitos.

Se como se diz a análise é uma cura pela palavra- amor de transferência ao saber- é porque o tratamento do objeto *a* toma seu lugar na descontinuidade dos ditos, acrescentando o *tempo para compreender* que modera a exigência imediata da pulsão encapsulada no sintoma.

Na direção oposta ao todo-sentido, a função do corte da interpretação na análise atende à particularidade do inconsciente, agarrando no ar um novo saber sobre a falta, onde *se possa se dizer alguma coisa sem que nenhum sujeito o saiba*.

Lacan se refere à função do desejo do analista como um “machado de duplo fio” pois ao final da análise temos a queda do sujeito suposto saber privilegiando o dizer que toca o real, efeitos de escritura que aspira o “momento de concluir”, esvaziamento de substância e de sentido na relação transferencial.

É a função do objeto que Lacan nos ensina em Radiofonia quando diz: “faz falta o tempo para fazer-se ser”, o tempo que “faz falta” é a constatação de que o tempo para “fazer-se ser” se faz com falta, que a falta é seu estofo.

Comprovamos que o percurso de uma análise promete a possibilidade de dar fim ao amor de transferência com a destituição subjetiva, como ganância de ser, como saber sobre a falta. Estaria então o sujeito melhor preparado para abordar os temas do amor no casal? Colette Soler assinala que, por sua relação com o mais íntimo do sujeito, o amor depende da contingência do encontro não programado e a análise não aspira solucionar o enigma da *não relação* no casal sexual, que é da ordem do real. Porém, por sua vez a análise poderia ter seus efeitos para criar suas condições de possibilidade.

Se sabemos que o gozo é algo singular, privativo de cada um e não faz laço com o Outro, o que é que permitiria ainda um enlace entre o gozo, que se basta a si mesmo, e a relação com a palavra, com o discurso, que supõe o amor, senão é através de sua amarração do dizer ao desejo?

No percurso de uma análise o sujeito pode ter apreendido que o que causa o desejo em seu invólucro de vazio e a responsabilidade de suas escolhas. Ante a falta de garantia do Outro, se trataria de renovar *a aposta*, que em realidade é “o que desperta” e nos devolve a nossa condição de sujeitos concernidos pelo tempo, sabendo que os efeitos só se reconhecem *a posteriori* e o que se alcança nunca será o que se espera.

Ana Canedo, 12 de maio 2015.

Tradução Elisabeth da Rocha Miranda

Silvia Migdalek

Prelúdio

Epígrafe

...o discurso analítico. “Na medida em que o defini como o laço social que emerge em nossos dias, esse discurso tem um valor histórico a ser destacado. É certo que minha voz é débil para sustenta-lo, mas talvez seja melhor assim, porque, se ela fosse mais forte, talvez eu tivesse menos possibilidades de subsistir, quero dizer que me parece difícil, por toda a história, que os laços sociais até aqui prevalentes não façam calar a voz feita para sustentar outro discurso emergente. É o que sempre se viu até aqui, e não é por que não há mais inquisição que se deve crer que os laços que defini: o discurso do mestre, o discurso universitário, inclusive o discurso histórico-diabólico não sufocariam, se posso dizer, o que eu poderia ter de voz. Dito isso, enfim, eu, aí dentro, sou sujeito, estou ocupado com este assunto porque me pus a ex-sistir como analista. De nenhum modo, isto quer dizer que eu ache que tenho uma missão de verdade. Houve gente assim no passado, caíram de cabeça! Eu não tenho missão de verdade, posto que a verdade – insisto nisso – isso não pode dizer-se: só pode meio dizer-se. Regozijemo-nos que minha voz seja baixa. (J. Lacan Seminário 22 RSI, inédito, classe 9, del 8 de abril de 1975)

Nosso encontro será a ocasião de debater e refletir acerca de um tema de importância crucial para o futuro da psicanálise. Podemos nos interrogar acerca da conjuntura contemporânea, do contexto em que a prática da análise “ainda” se sustenta como um discurso na cultura em que, contingencialmente, se institui um modo de laço social inédito para o qual a realidade não oferece nenhum modelo, encontro contingente de um desejo analisante com um desejo de analista.

A psicanálise é um saber advertido da pulsão de morte. E isto está incluído no cálculo que o laço analítico, enquanto social, propõe ao sujeito. É também por isso que podemos dizer que Lacan chamou o discurso analítico de o avesso da vida contemporânea. O laço proposto pela psicanálise, sua particularidade, sua eficácia, entram em concorrência com as respostas e remédios de gozo da nossa civilização. Entram em concorrência porque, na psicanálise, trata-se de uma resposta que não apenas não oculta a falta-a-ser do sujeito, como também alcança o mais vivo do ser, seu gozo, suas modalidades singulares de satisfação pulsional, os afetos enigmáticos: ...“afetos que são o resultado da presença de lalíngua na medida em que ela articula coisas de

saber que vão muito além do que o ser falante suporta de saber enunciado.”(J. Lacan, Seminário 20, Mais, ainda)

A prática da psicanálise está estreitamente ligada ao que podemos chamar, em sentido amplo, de “práticas culturais”, por isso ela deve nutrir-se necessariamente da cultura de seu tempo. Tenho a convicção de que esta é a única maneira de contribuir para o nosso tempo, de algum modo esclarecendo as molas em jogo na configuração da subjetividade de uma época.

A prática da psicanálise, o psicanalista na cidade, dá lugar para que a Outra cena se instale, e muitos pacientes relatam não apenas o incômodo que lhes causa a pergunta do parceiro – o que você falou hoje na sua sessão de análise? – o que não incomoda apenas pela intromissão, mas, sobretudo, porque é verdadeiramente difícil fazer com isso um relato-laço de por qual labirinto do inconsciente se esteve sempre vadiando ao acaso... Alguns pacientes referem também que, durante um breve tempo, preferem ficar ruminando palavras sozinhos sem ver ninguém, e outros e outras que se fazem buscar na saída de sua sessão, talvez para desalojar rapidamente suas ressonâncias...

Podemos nos perguntar que laço social a prática da psicanálise institui. Gostaria de assinalar uma nuance, como uma pequena mudança da ênfase naquilo que sempre ouvimos como uma frase de Lacan: que o psicanalista “deve” dar conta da subjetividade de sua época; eu gostaria de introduzir uma certa nuance orientando a pergunta: de que modo a psicanálise como discurso da época incide na subjetividade de seu tempo?

Trataremos de pensar, explorar, considerar e reconsiderar as posições em que se situam os protagonistas da experiência e de que maneira isto produz a eficácia da clínica própria à psicanálise. Para concluir, deixo aqui lançada para nossos próximos debates em Medellín uma pergunta antiga que tenho, a qual, creio, nos conduz ao tema escolhido para o IX Encontro, “Enlaces-desenlaces segundo a clínica psicanalítica”: qual cura na psicanálise?

Silvia Migdalek Buenos Aires, Setembro 12 de 2015.

Traducido por Vera Pollo y Maria Luisa Rodriguez.

Estar submergidos no banho da linguagem precipita o laço

**Patricia Muñoz
Prelúdio**

A fotografia não é nem uma pintura nem... uma fotografia; é um Texto, quer dizer, uma meditação complexa, extremamente complexa.

Roland Barthes

Para meu prelúdio, quero servir-me tanto do título como da imagem do cartaz de nosso IX Encontro internacional dos Fóruns e V Encontro de Escola. No título “Enlaces e desenlaces segundo a clínica psicanalítica”, entre “Enlaces” e “Desenlaces” há intermediação do Y em espanhol (em italiano e português é “e”; em francês, “et”; em inglês, “and”). O Y é o ípsilon grego ὕψιλόν; é uma conjunção copulativa cujo ofício é unir, enlaçar. Este Y nos remeteu desde o primeiro momento ao *Triskel* que Lacan nos dá como modelo reduzido do nó. Creio que foi um feliz achado.

Enlaces, nó, desenlaces. O que se enoda ou desata. O *triskel* é uma maneira de simbolizar o nó borromeano, nó que enlaça as três consistências próprias do ser falante, aquele que está submergido na linguagem: Simbólica, Real e Imaginária. Nó que permite ao corpo socializar-se, entrar em um laço social, converter-se em corpo civilizado. Nó que enlaça os semblantes e o real e que, certamente, pode ter erros, mas em que, numa análise, se pode fazer suturas e junções. “O coração, o centro do nó” [1], assim Lacan o chama.

Há uma razão de estrutura para o *triskel*: nenhum Deus se sustenta se não for tríplice. Por isso, Lacan lhe deu uma forma que se chama “real”. O real é três porque não há relação sexual que possa escrever-se; o furo que essa falta abre e que é tamponado pela linguagem impede que o sujeito tenha acesso ao real. Lacan nos dirá: “O ponto de partida de todo nó social se constitui pela não – relação sexual como furo, não de dois, mas de pelo menos de três.”[2]

A imagem do nosso cartaz é uma fotografia de Carlos Eugenio Tobón Franco, que lhe deu o nome de “Penetração”. Penetrar tem diferentes acepções: não é apenas “entrar”, é também “passar”. A linguagem nos penetra porque estamos submergidos nela.

Mas “penetração” significa também “decifração”, “perspicácia”, “engenhosidade” e, em psicanálise, nos remete à interpretação, da qual Lacan nos disse que, mais do que dar sentido, deve produzir ondas. “A linhagem, a ascendência já nadava no mal entendido”, nos diz Lacan, pois os pais modelam o sujeito nessa função do simbolismo através da maneira em que instilam nele um modo de falar.

A fotografia captura um instante efêmero: o impacto contra uma superfície de água que a estilhaça em gotas que atravessam, penetram nessa superfície. Instante que nos evoca os encontros do *apalavrado* pela linguagem; momentos de algo ouvido, mas não compreendido, momentos muito precoces do banho da linguagem que permitem a animação do corpo de gozo.

Na “Conferência de Genebra”, Lacan nos diz que “há algo nela [a criança], uma peneira que se atravessa, através da qual a água da linguagem chega a deixar algo para trás, alguns detritos com os quais brincar, com os quais necessariamente ela terá que desembaraçar-se. É isso o que lhe deixa toda essa atividade não reflexiva – os restos aos quais mais tarde – porque ela é um prematuro – se agregarão os problemas do que vai assustá-la, graças à coalescência dessa realidade sexual e da linguagem.”[3]

E em “Radiofonia”, para exemplificar a diferença entre a carne e o corpo, Lacan traz a metáfora das nuvens como gozo. Ele nos diz: “Não é o que se dá com toda carne. Somente das que são marcadas pelo signo que as negativiza elevam-se, por se separarem do corpo, as nuvens, águas superiores, de seu gozo...” [4] E mais tarde acrescenta: “A nuvem espessa da linguagem... faz escritura.” [5] Podemos ler os riachos que deixam marca, a marca metafórica da escrita, a marca que a linguagem deixa; esses riozinhos que se ligam a algo que vai mais além do efeito da chuva, mas que o ser falante pode ler: a impossibilidade de se inscrever a relação sexual. Lacan utiliza a possibilidade que a língua francesa lhe oferece, graças à qual *lier* e *lire* (enlaçar e ler) são palavras que têm as mesmas letras. É somente por falar que o que se escreve e deixa marcas tem a ver com a solidão.

É pela linguagem que se podem estabelecer laços sociais entre os corpos. Pelo simples fato da linguagem, precipita-se o laço social; as configurações de enlaces e desenlaces entre os humanos supõem as três dimensões: Real, Simbólica e Imaginária. Como nos diz Lacan no Seminário RSI, nas três identificações de Freud, “há tudo que falta para ler meu nó borromeano... pois, com elas, ele chega propriamente a designar a consistência como tal” [6], como enodamento do imaginário, do simbólico e do real.

Enodamento de um mínimo de três, de tal modo que, separando-se um deles, os outros dois não podem manter-se juntos. Nó borromeu presente não apenas nas estruturas clínicas e no sintoma, mas também no enodamento diferente que se faz ao final da análise.

Enlace, *triskel*, desenlace. É pela possibilidade de enodar os três registros que, submergido na linguagem, o sujeito pode fazer laço social, com a consequente perda de gozo e a não relação sexual.

Patricia Muñoz. Medellín, 25 octubre 2015

(tradução: Vera Pollo)

[1] Jacques Lacan, Seminário RSI, aula de 15 de abril de 1975 [Inédito].

[2] Jacques Lacan, Seminario RSI, aula de 15 de abril de 1975 [Inédito].

[3] Jacques Lacan, “Conferência em Genebra sobre o sintoma”, em *Intervenciones y textos 2*, Buenos Aires, Manantial, 1991, p. 129.

[4] Jacques Lacan, “Radiofonia”, em: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 407.

[5] Jacques Lacan, *O Seminário, livro 20: mais, ainda*.

[6] Jacques Lacan, Seminário RSI, *Op. cit.*

Imagine

Manel Rebollo Preludio

....as relações mútuas dos homens são profundamente influenciadas pela quantidade de satisfação pulsional que a riqueza existente torna possível; em segundo lugar, porque o ser humano individual pode, ele próprio, relacionar-se com o outro como um bem mesmo, se este explora sua força de trabalho e o toma como objeto sexual; em terceiro, ademais, porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da cultura, embora se suponha, está destinada a ser um interesse humano no universal. É notável que, tendo tão poucas possibilidades de existir isolados, os seres humanos, sintam, não obstante, como um pesado fardo os sacrifícios que a cultura deles espera, a fim de permitir uma convivência. Por isso, a cultura deve ser protegida contra os indivíduos, e suas normas, instituições e mandamentos cumprem essa tarefa; não somente perseguem certa distribuição de bens, bem como conservá-la; na verdade, têm de proteger contra os impulsos hostis dos homens tudo o que contribui para a conquista da natureza e a produção de bens. As criações humanas são frágeis, e a ciência e a tecnologia, que as construíram, também podem ser utilizadas para sua aniquilação.

Sigmund Freud, 1927. "O futuro de uma ilusão"

Imagina que não há paraíso, é fácil se tentares.

Sem inferno sob nós, acima só o céu.

Imagina toda a gente vivendo o agora...

Imagina que não há países, não é difícil de o fazer:

nada pelo que matar ou morrer, e sem religião tampouco.

Imagina toda a gente vivendo a vida em paz.

Deves saber que sou um sonhador, porém não sou o único.

Espero que um dia te unas a nós e o mundo será uno!

Imagina que não há possessões. Pergunto-me se podes:

sem necessidade de avariza ou fome. Uma irmandade homens.

Imagina toda a gente compartilhando todo o mundo.

Podes dizer que sou um sonhador, porém não sou o único,

espero que algum dia te unas conosco e o mundo será uno!

Jonh Lennon, 1971: “Imagine”

“Que se diga fica esquecido por tras do que se diz em o que se ouve”.

Jacques Lacan, 1973: “O aturdito”

Em 1971, John Lennon nos instava a “join us”, a “unirmo-nos”, a “fazer laço” em um mundo que havia de ser Uno. Sonhador empedernido, aspirante a “nada pelo qual matar ou morrer”, foi assassinado em 8 de dezembro de 1980 por um hère. Assim passou de herege a herói, e 35 anos depois de sua morte, sua canção segue sendo um hino celebrado no ocidente, enquanto milhares de refugiados sírios tentam fugir do horror do Estado Islâmico para encontrar-se na velha Europa, com o mesmo horror – campo de concentração – da terceira facticidade- real, demasiado real – que Lacan nos anunciava em 1967: “Nosso porvir de mercados comuns encontrará seu contrapeso na expansão cada vez mais dura dos processos de segregação.”

Que porvir, então, para essa ilusão? Que dizer dos analistas, sobre os quais Lacan insta a renunciar aqueles que não podem acercar seu horizonte à subjetividade de uma época?

A história das instituições analíticas não é borromeana. Encontrando seu pecado original no comité dos sete anéis, que Freud instituiu, a Associação Psicanalítica Internacional logo deixou solto o anel do pensamento freudiano, que haveria de tê-la enlaçado melhor. Lacan pretendeu restituir esse enodamento com seu “retorno a Freud”, e isso lhe custou a excomunhão. Em seguida, fundou sua Escola, que dissolveu depois de constatar que sua aposta no passe – nova tentativa de enodamento – não conseguiu fazer sinthoma em sua comunidade analítica. Após a dissolução, veio a ECF, mais tarde a AMP, e tampouco nela o passe enodou: o Uno se impôs, e de novo um amplo setor de analistas se soltaram.

No “Futuro de uma ilusão”, o que Freud anuncia sobre os seres humanos é perfeitamente aplicável à relação entre os analistas em suas coletividades: tendo tão poucas possibilidades de existir isolados, sentem como fardo opressivo os sacrifícios a que os insta a cultura, a fim de permitir uma convivência.

Em nossa nova aposta para fazer possível a convivência entre analistas, na tarefa da transmissão da psicanálise e formação de analistas, constituímos uma coletividade que

toma forma a partir de dois modelos: o de Freud e o de Lacan. Do modelo freudiano tomamos a IF, a Internacional dos Fóruns, e do modelo lacaniano, a EPFCL: a Escola. A primeira nos dá o assentamento jurídico, legislado pela Carta da IF, que regula os enlances e desenlaces entre os membros e entre os fóruns. A segunda pretende ser um elemento enodador de outra índole, como o que pode orientar o trabalho que se deriva da pergunta que nos reúne: O que é um analista?

Entendo que a divisão de ambos os campos – fóruns e Escola – possibilita que o ruído que pode produzir-se no terreno IF não dificulte demasiado o alcance do dizer, ou os dizeres, que impulsionam o trabalho de escola. Advogo para que o esquecido no que se ouve não impeça sua eficácia transmissora.

Lacan, porém, não inventou somente o passe como modo de validar o tipo de enlace dos analistas. Também idealizou o cartel, um modo de particular de vínculo entre cinco (quatro mais um) com o objeto e de que os laços pessoais não entorpeçam o que está em jogo: a transferência de trabalho. Por isso, o cartel leva inscrito, desde o início, como destino, sua dissolução ao cabo de, no máximo, dois anos.

A peremptoriedade dos dois anos, junto com a exigência de permutação, constituem dois eixos chaves na organização de nossas instâncias, facilitando assim a série de dissoluções que experimentamos e que facilitam a circulação do desejo em nosso fazer institucional.

De todo modo, não se alcança o ideal Imagine-ário de uma Escola Una, nem de uma IF Una, posto que há Um (Y'a d'l'Un) funcionando no sinthoma de cada um, e temos de fazer com ele. Cada nova assembleia internacional, tanto da Escola como da IF, coloca novas modificações na Carta da IF e nos regulamentos da Escola, que devem ser votados.

Certo é que não há dizer coletivo, como tampouco há sujeito coletivo, e nem inconsciente coletivo. Porém, é importante apostar para que o trabalho de escola se oriente como um dizer que ex-sita no exame de ditos de nossa IF. Nesse ponto considero que, assim como Lacan nos disse em “A Terceira” sobre o analista, com respeito a IF, a Escola tem de ser o nó.

A história da psicanálise e suas instituições é testemunho de que o tratamento analítico não garante um laço associativo entre os analistas que não leve ao pior.

As modalidades de laço que nos damos em nossas instituições, e aquelas que, sem havermos dados explicitamente, funcionam em nossas enunciações, requerem nossa análise, se nos importa o futuro da psicanálise. Para isso, há que seguir fazendo o contra ao real, também no coletivo. Porque a coletividade dos Uns, quanto toma a cabeça o H do humano, do húmus, pode acabar com a psicanálise antes da convivência entre a ciência e a religião. Um exército de “hunos” é o último que necessitamos se esperamos que siga crescendo a hera em nosso campo lacaniano.

A ética que pode assistir-nos em nosso cometido comum, dista muito de ser a “cada um com seu sintoma, com seu desejo, com seu dizer...”. Isso pode, às vezes, valer no um por um dos falaseres, porém não funciona na política, no conjunto da *pólis* psicanalítica. O narcisismo que destila essa posição é solidário do discurso capitalista em sua tendência ao desenlace entre os sujeitos, convocando cada um a uma relação autística com seu particular objeto de gozo.

Os analistas não podem ser sonhadores como Lennon. Nossa função é bem mais a de despertar ao real, o que retorna nas novas formas de sintoma, pois o real é seu verdadeiro sentido. E, também, a de recordar o dizer: aquilo que fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve.

Assim, pois, psicanalistas, um esforço a mais... mais além do sintoma de cada um.

Manel Rebollo 28 de outubro 2015.

Tradução Andréa Brunetto

A clínica do casal sexuado

Devra Simiu Prelúdio

“Apenas registramos para denotar aí o salto da operação freudiana.

Ela se distingue por articular às claras o status do sintoma como o seu, pois constitui a operação característica do sintoma em seus dois sentidos”

(Jacques Lacan, “Do sujeito enfim em questão “) (1).

Quando nos encontrarmos em Medellín, em julho de 2016, para o IX Encontro da Internacional dos Fóruns, seremos convidados a explorar vários tópicos, entre os quais, a clínica do casal sexuado. Como é que nós, analistas orientados pelo ensino de Lacan, compreendemos esta clínica?

Decidi que seria importante tentar esclarecer esta questão. Por que? Porque aqui, nos Estados Unidos, para a grande maioria dos clínicos – inclusive para os psicanalistas – a clínica do casal sexuado seria compreendida como a terapia de casal, os dois que comparecem à uma sessão, perante um terceiro, que trabalha muito para treiná-los nas “técnicas da comunicação”, e lhes oferece explicações da neurociência e da teoria do apego, sobre o porquê de cada um deles reagir ao outro do jeito que faz. Uma clínica que postula uma adequação natural e harmoniosa entre o objeto parcial da pulsão e o objeto do amor, e sustenta isto como um objetivo.

Numa prática muito difundida da “terapia de casais”, frequentemente o praticante clínico e seu ou sua parceira, também um clínico, representam uma “relação modelo”, e encorajam abertamente os pacientes a se identificarem com eles. O discurso e as imagens da cultura dominante suportam e promovem a ideia: a harmonia perfeita é possível, e você pode obtê-la. Nenhum impasse aqui, nenhum sujeito em questão.

A clínica lacaniana do casal sexuado é outra coisa. Talvez possamos nos aproximar dela retornando aos... soluços... ou mais precisamente, aos soluços mais famosos da história. São os soluços de Aristofanes, assinalados para a posteridade por Platão, e sublinhados para Lacan por Kojève, como a própria chave para a compreensão

do **Banquete**, o diálogo que Lacan escolheu para estudar em seu seminário de 1960/61, sobre as questões do amor, do desejo e da natureza da transferência.

Lacan nos narra uma conversa com Kojeve, num domingo, e seu desejo de falar com este eminente filósofo sobre Platão, e especialmente sobre o **Banquete**. Na hora da despedida, sem que aparentemente Lacan tivesse obtido o que procurava, Kojeve de súbito ofereceu: “Seja como for, você nunca interpretará o **Banquete**, se não souber porque Aristofanes estava com soluços” (2).

Uma chave, na verdade, uma abertura... E Lacan conclui: “... Se Aristofanes está com soluços é porque durante todo o discurso de Pausanias ele morreu de rir – e Platão não fez por menos” (3).

Soluços: a resposta de Aristofanes ao ridículo da ode ao amor de Pausanias. Os soluços de Aristofanes: uma irrupção que perturba o fluxo da união, uma espécie de prelúdio átonas ao discurso do próprio Aristofanes, no qual Lacan, lendo Platão contra a tradição, irá detectar algo “dessa *spaltung*, desse *splitting*, que mesmo não sendo idêntico ao que desenvolvo para vocês no gráfico [Grafo do desejo], certamente não deixa de com ele apresentar algum parentesco”(4). Em outras palavras, o que Lacan descobriu foi que Platão, através de Aristofanes, estava transmitindo o conhecimento do impasse no campo do amor e do gozo.

No contexto dos autores da Antiguidade, vale observar as palavras de outro escritor, o autor do **Gêneses 2:18** (5). Chamado de “o Yaveista” (6), pelos estudiosos bíblicos, que supõem que ele tenha estado em atividade por volta de 950 a.C., este autor faz uso de uma mera preposição para evocar o impasse. Traduzindo literalmente, Lemos no texto hebreu: “Deus disse: Não é bom que o homem esteja só. Farei um ajudante **contra** ele”. Muitos tradutores, em várias línguas, esbarraram aí, preferindo dizer “frente a ele” (delante de) ou “correspondendo a ele”. Mas, mantendo a tradição rabínica, André Chouraqui, na sua vívida tradução para o francês de ambos, o velho e o novo Testamento, preservou o significado original: « contre lui » (contra ele) , e acrescentou numa nota : « proximité et opposition » (proximidade e oposição) (7). Dois corpos e uma hiancia, uma maneira de dizer aquilo em que Lacan insistia: não há relação sexual! Entretanto algo – invisível – mantém os dois corpos juntos, como aponta Colette Soler. Ela diz que Lacan chama isto de “o último sintoma” (le symptôme dernier), enquanto que ela prefere chamá-lo de “ fundamental “. E acrescenta que isto não é para ser tomado como um alvo do tratamento, e seguramente menos ainda, como uma “solução”

para a hiancia irremediável (8). Este é o nosso papel também, quando escutamos nossos pacientes, que nos falam de seus problemas no amor.

Nossos pacientes nos falam um a um, como falavam com Freud. Um a um, necessariamente, porque o sintoma é sempre singular, e sempre aponta o real da não relação sexual.

Devra Simiu Dezembro 8, 2015. Washington, D.C.

Traduzido por Maria Anita Carneiro Ribeiro

NOTAS

- Lacan, Jacques, *ESCRITOS*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1998.
- —————, *O SEMINÁRIO*, livro 8, *A TRANSFERÊNCIA*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992, p.67.
- *Ibid*, p. 68.
- *Ibid*, p. 69.
- Agradeço ao Dr. E. Havia por chamar a minha atenção para este ponto (nota da autora).
- O Yahvista seria o autor dos primeiros livros da Bíblia, em que Deus é chamado de Yave e não de Eloim. Autor suposto do Pentateuco.
- *LA BIBLE*, traduzida é apresentada por André Chouraqui (Paris: Desclee de Brouwer, 1989)
- Soler, Colette « Qu'est-ce que fait lien ? » (Paris, Éditions du Champ lacanien 2012. P 71).